

Introdução

Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RESSTEL, CCFP. Introdução. In: *Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 29-33. ISBN 978-85-7983-674-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

Embora o fluxo de deslocamentos de brasileiros descendentes de japoneses para o Japão tenha sido intenso, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990 – produzindo uma série de consequências tanto no plano econômico como no psicológico e no das relações familiares –, pouca atenção foi dada pela ciência a esse fenômeno denominado *dekassegui*, cujas primeiras grafias tentavam registrar a sonoridade dessa palavra na língua japonesa, ou “decasségui”, tal como já foi dicionarizada na língua portuguesa falada no Brasil.

De acordo com Portes, Guarnizo e Landolt (1999), a migração de ida e volta dos imigrantes sempre existiu, não atingindo até o momento atual um volume crítico e a complexidade efetiva para se lançar no campo social emergente. Esses imigrantes são pessoas que vivem em dois lugares, falam dois idiomas e mantêm contatos contínuos entre ambos os países.

O movimento de retorno dos *dekasseguis* ao Brasil vem ocorrendo em razão das várias recessões econômicas no Japão que têm se prolongando por muito mais tempo no país de destino. Nesses últimos anos, o retorno dos *dekasseguis* ao Brasil vem se tornando um problema social e despertando nas ciências um novo olhar para esse trânsito migratório, apesar de ainda ser tímido o interesse por esse grupo.

Para piorar ainda mais a situação política e econômica japonesa, além da crise da falência imobiliária dos Lehman Brothers,¹ em 2008, que atingiu a economia mundial, o Japão vem sendo afetado por grandes maremotos e pela radiação nuclear decorrente desses grandes abalos sísmicos, que continuam sendo uma ameaça para quem mora no país.

Para o ex-presidente da ACEMA (Associação Cultural e Esportiva de Maringá), o senhor M. Hossokawa (apud Asari; Tomita, 2000, p.54), “[...] o que era para ser uma alternativa de vida, vem se tornando um problema”. Nessas idas e vindas entre Japão e Brasil, os *dekasseguis*, ao retornarem para a sua terra natal, se deparam com a falta de emprego e formação profissional, desencadeando o “movimento pendular” (Asari; Tomita, 2000, p.54).

Diante dos fatos, essas idas e vindas dos *dekasseguis* estão cada vez menos frequentes. Por causa da crise econômica japonesa, o próprio governo japonês vem fechando as portas de entrada do país, aplicando medidas provisórias de cunho político e socioeconômico, a fim de segurar o país em razão da falta de emprego em que se encontra.

Surge um novo fluxo migratório, desta vez com expressivos contingentes de *dekasseguis* que retornam ao Brasil. Esse fluxo de retorno traz novos desafios para os migrantes. Agora, é um retorno para a terra natal – o Brasil –, como se, em virtude do fim da “era de ouro” que marcou a grande onda *dekassegui*, fosse a última e definitiva viagem. Podemos dizer que, além das dificuldades de retorno encontradas pelos *dekasseguis*, atualmente surgem outras: o corte da facilidade de voltar ao Japão, como se fosse necessário lidar com um “fim”, mesmo que esse “fim” seja por um tempo indeterminado, ainda não previsto.

“Voltar é muito mais difícil que partir” – é assim que os emigrantes dizem se sentir a respeito do retorno para o solo natal, o

1 A crise imobiliária do Lehman Brothers ocorreu no final de 2008, nos Estados Unidos da América, afetando financeiramente todo o planeta. O banco de investimentos Lehman Brothers é o quarto maior dos EUA (Lehman..., 2008).

retorno para casa. O problema do retorno para a terra de origem é muito mais complexo do que se imagina. Depois de uma temporada de vida e trabalho em outro país, com uma cultura tão diferente da brasileira mesmo para os descendentes, os emigrantes são profundamente afetados, assumindo ou aprofundando uma identidade híbrida, incrustada na sua história familiar – uma identidade transnacional (Assis; Campos, 2009).

Segundo Tajiri e Yamashiro (1992 apud Deliberador, 2011), são vários os fatores que fazem o homem se deslocar de um lugar para o outro, e, ao longo de toda a história da humanidade, não tem sido diferente. O homem transita, tentando desbravar o desconhecido, seja por questões políticas, econômicas, sociais, religiosas e tantas outras.

A restauração da Era Meiji, em 1868, trouxe novas transformações políticas e econômicas ao Japão. O sistema moderno de Estado acaba afetando a economia e gera altas taxas de desemprego no país. Diante desse período tão difícil vivido pelos japoneses, a alternativa que lhes restava era migrar para o Brasil, já que, no começo do século XX, o Brasil contratava mão de obra para as lavouras cafeeiras no estado de São Paulo. A imigração japonesa tem início com a chegada do navio a vapor *Kasatu Maru*, em 18 de junho de 1908, no porto de Santos (Deliberador, 2011).

Ressalvamos que os primeiros *dekasseguis* a chegarem ao Brasil vieram nesse fluxo migratório de japoneses, a 18 de junho de 1908. Esses imigrantes tiveram que enfrentar a dura realidade da época, o estranhamento entre países tão distintos, as dificuldades da língua, a comida, o clima, entre outras eventualidades.

Antes de completar um século da imigração japonesa no Brasil, a década de 1980 conheceu o fenômeno que ficou conhecido como *dekassegui*. Agora, são os descendentes de japoneses que se deslocam do Brasil para trabalhar como operários nas fábricas japonesas, buscando melhores salários e enriquecimento rápido.

Legalmente, a imigração de japoneses para executar trabalhos pouco qualificados no Japão se deu a partir de 1991. A população local, de alto nível de instrução, opta por trabalhos técnicos e

específicos, o que resulta na necessidade de mão de obra imigrante para os trabalhos indesejáveis. Paralelamente, no fim dos anos 1980 e início da década de 1990, o Brasil passava por um processo extremamente penoso, de mudança de moeda e hiperinflação, resultando na desvalorização da força de trabalho e descapitalização dos salários. Essa situação favoreceu o movimento “*dekassegui*”. (Osawa, 2006)

De acordo com Sasaki (1999, p.243), a palavra *dekassegui* significa “trabalhar fora de casa”; portanto, é o indivíduo que trabalha fora, vindo de outras regiões ou de outros países. Esses trabalhadores, de maioria braçal, foram contratados para fazer o serviço sujo, penoso e perigoso, ou seja, o trabalho que os japoneses não queriam fazer. Logo, realizam serviços de baixa qualificação na terra dos seus avós.

Ito (2007 apud Amaral; Cores; Matsuo, 2010) destaca, no movimento *dekassegui*, a situação das crianças nas famílias que se mudam para o Japão com filhos em idade escolar. Enquanto permanecem no Japão, as crianças brasileiras ingressam nas escolas japonesas. Lá não aprendem o idioma português, tendo portanto que se adaptar ao modelo escolar japonês, muito diferente do modelo implantado em nossas escolas. As dificuldades e a demanda são tamanhas que existem escolas brasileiras para atender especialmente os filhos dos *dekasseguis*.

São inúmeras as dificuldades que vão surgindo para esses imigrantes quando em terras estrangeiras, tais como: novos hábitos; a língua japonesa; a comida “não temperada” ou “sem sal” (como é sentida gustativamente), bastante diferente do tempero brasileiro, que se acentua ao sabor do sal e de outros condimentos na comida; o ritmo acelerado de trabalho; a moradia pequena e, às vezes, sem nenhum conforto; a própria adaptação dos filhos, sobretudo nas escolas e com as longas ausências diárias dos pais operários; a distância do Brasil; e tantas outras. No turbilhão de estranhamentos e dificuldades, em vista do choque cultural, é comum surgir o sentimento de desamparo. O desejo de retornar para o Brasil está intrinsecamente vinculado ao imigrante *dekassegui*, entretanto, uma grande parte dos descendentes de japoneses opta por morar no Japão.

O retorno ao Brasil não é menos problemático. Apesar de considerarem-no seu solo natal, acabam trazendo consigo um pouco do Japão e um Brasil dentro de si que nem sempre corresponde inteiramente àquele que encontram no retorno, sobretudo depois de certo tempo de ausência. Logo, como sujeitos híbridos, carregam a cultura de dois países que são extremos opostos, amalgamada numa subjetividade duplamente social. Se tais choques, contrastes e vivências díspares são problemáticos para os adultos, para as crianças a situação também não é simples, mesmo com suas especificidades.

Nessa perspectiva, Asari e Tomita (2000, p.54) argumentam “que as experiências mais amargas têm ocorrido com os filhos que acompanharam os pais e tiveram que frequentar as escolas em dois países”. No Japão, os filhos menores de 16 anos de idade são obrigados a frequentar a escola, caso contrário os pais podem ser penalizados.

Os referidos autores apontam, ainda, que esses filhos de *dekasseguis* interromperam os estudos no Brasil e tiveram que estudar em escolas japonesas e, diante do sistema japonês, enfrentam “[...] a discriminação e as dificuldades de adaptação, principalmente no que respeita a não compreensão da língua japonesa” (Asari; Tomita, 2000, p.55). E ao retornarem para o Brasil, novamente as crianças se deparam com problemas de “readaptação psicológica, emocional, somada à nova adaptação curricular” (Asari; Tomita, 2000, p.55).

Observa-se que o aprendizado da língua portuguesa constitui um fator de grande sofrimento emocional para esses filhos de *dekasseguis* quando voltam ao Brasil.

No já restrito campo das produções científicas sobre as questões dos *dekasseguis*, os estudos sobre seus filhos são igualmente escassos, considerando-se a importância e a amplitude das questões que emergem nessa experiência dos infantes. Entre as pesquisas existentes, predomina a preocupação com os aspectos econômicos da situação dos *dekasseguis* e com as dificuldades de adaptação escolar das crianças. Assim, neste livro, pretendemos abordar uma questão básica do desenvolvimento psicológico, bastante mobilizada nessa experiência: a questão do desamparo psíquico.